

A hostilidade feita de pedras sob viadutos



Cocurutos enfileirados no Viaduto da Conceição tentam afastar as pessoas

TIAGO BOFF
tiago.boff@rdggaucha.com.br

Júlio dorme em uma das áreas mais movimentadas do centro de Porto Alegre: enrolado em uma bandeira do Brasil, sob a proteção do Viaduto da Conceição. Aos 31 anos, diz ter vergonha de falar o nome completo. Teme ser reconhecido por quem o admirava. Profissional da construção civil, conta que era encarregado de obras na Região Metropolitana.

– Tenho apreço pela pátria, mas estou bem decepcionado. Não está significando muita coisa – diz, deitado no “piso desumano”.

O ex-morador de Alvorada se instalou em espaço cercado da “arquitetura hostil”: pedras concretadas ao solo com o objetivo de inviabilizar a ocupação do espaço por pessoas em situação de rua. Ao lado da Avenida Farrapos, há sequência de cocurutos enfileirados.

A arquitetura hostil voltou a debate no Brasil na última semana. No dia 2 de fevereiro, as redes sociais foram tomadas por imagens do padre Júlio Lancellotti, com marreta em mãos, destruindo blocos colocados embaixo de viadutos da cidade de São Paulo. A repercussão levou a própria prefeitura a retirar os paralelepípedos, e exonerar um funcionário apontado como responsável pela intervenção.

A construção de passeios com impeditivos para circulação é anterior a 2014, segundo a prefeitura. “Os viadutos mais recentes, construídos a partir de 2014, não apresentam tais elementos”, informou, em nota, a Secretaria de Obras e Infraestrutura. A pasta afirma que a prioridade é inspecionar as obras com foco na segurança das estruturas. “Após, a secretaria trabalhará na situação de cada um dos viadutos no tocante a existência de eventuais não atendimentos às normas

de calçadas públicas agregadas aos viadutos”.

– Isso é agressivo e pouco atrativo para a população. Não tem utilidade. São criados somente para afastar o morador de rua. O pior, não retira as pessoas da rua – aponta Rafael Pavan dos Passos, presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Estado (IAB-RS).

GZH passou em alguns locais e encontrou pedras pontiagudas, blocos enfileirados ou outras intervenções com o mesmo objetivo de baixo de marquises. No bairro Praia de Belas, o Viaduto Dom Pedro I tem uma das maiores incidências desse tipo de construção. O trajeto do Largo Telmo Thompson Flores (por baixo do viaduto) passa por espécie de pirâmide erguida com pedras, sob uma marquise.

Correios

Na rótula da Avenida Borges de Medeiros, o canteiro tem o piso inclinado, intervenção que não surtiu o efeito esperado por quem a idealizou: em um dos pilares, colchões, cobertas e lonas cobriam cerca de cinco pessoas.

Embaixo do Viaduto Tiradentes, sobre a Avenida Protásio Alves, bairro Santa Cecília, as pedras prejudicam inclusive a caminhada. No bairro Rio Branco, o Viaduto Engenheiro Ildo Meneghetti tem o mesmo projeto.

Na sede dos Correios (Rua Siqueira Campos, 1.100), no Centro Histórico, pessoas não podem se proteger da chuva ou do sol. O acesso é dificultado por sequência de paralelepípedos. A instituição foi procurada, mas não se manifestou até o fechamento desta edição.

Para Pavan, locais mais agradáveis geram cuidado espontâneo:

– Se o poder público propõe hostilidade, promove a hostilidade (do outro).

PERIMETRAL

Com Rossana Ruschel
rossana.ruschel@zerohora.com.br



PAULO GERMANO

paulo.germano@zerohora.com.br
Facebook /PGpaulogermano
Twitter @PGpaulogermano
Instagram @paulogermanopg

Uma cara para o 4º Distrito

Quem circular pelas esquinas do 4º Distrito, a partir de março, vai encontrar placas mais robustas, com direito a logotipo e atrativos sobre a área.

A Imobi, empresa responsável pelas plaquinhas de rua, vai bancar a instalação de sinalizações especiais na região, como parte de um projeto de identidade visual. Acima das placas tradicionais, que indicam o nome das vias, alguns cruzamentos terão outras, em estilo publicitário, com dizeres do tipo “Você está no 4º Distrito”, “Aqui tem microcervejarias” ou “Aqui tem restaurantes”.

A intenção é estimular as pessoas a conhecerem essa parte da cidade: o antigo cinturão industrial de Porto Alegre, após décadas de abandono, agora passa por uma renovação empolgante – embora lenta –, com casas noturnas, polo cervejeiro, empresas de tecnologia, galerias de arte e empreendimentos gastronômicos. É a única área da região central para onde a Capital ainda pode crescer.

– Tem porto-alegrenses que não conhecem o 4º Distrito, e isso é meio doido. É uma região que precisa se desenvolver,



Uma projeção de como vão ser as placas sinalizando a região

mas antes as pessoas precisam saber que ela existe – avalia Daniel Costa, 40 anos, sócio da Imobi.

A ideia partiu do vereador Ramiro Rosário (PSDB), que na última sexta-feira se reuniu com a Imobi e com associações de bairros e empresas do 4º Distrito para discutir detalhes da iniciativa. No logotipo das novas placas, um ramo de trigo em formato circular faz referência à cevada – não é de hoje que se tenta associar a imagem da região (e até de Porto Alegre) à produção artesanal de cerveja.

Trinta placas serão bancadas e instaladas pela Imobi, durante o mês de março, nos principais cruzamentos do 4º Distrito.

A empresa ainda vai oferecer 35% de desconto para empreendedores da região que fizerem publicidade nas plaquinhas de rua. A cada cinco placas publicitárias vendidas, outra será instalada gratuitamente para identificar o 4º Distrito. Ou seja, a quantidade de placas com a nova identidade visual vai depender do investimento dos empresários em propaganda.

– Do ponto de vista institucional, para nós também é uma boa ideia: vamos ser melhor percebidos pelos empresários da região e, como consequência, podemos vender mais publicidade – diz Daniel Costa.

A cara da rua

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS
Às 7h11min



GZH

Leia outras colunas em
gauchazh.com/paulogermano

Saindo da penumbra.